

# “INTERNACIONALIZAÇÃO” DA AMAZÔNIA

Especial para o “Correio do Estado”

Lenine C. Povoas

A derrubada das matas e o fogo que cresta anualmente nossos campos tem sido, de há muito, uma preocupação para todos os homens, públicos ou não, que se interessam pelo futuro do País.

É de pasmar a incapacidade manifestada pelos Governos, através dos anos, para resolver essa questão.

A devastação, não só da Amazônia, como de todas as nossas matas tem sido uma das teclas que tenho martelado, anualmente, em artigos da nossa imprensa.

Quando o problema atinge o seu auge, em setembro ou outubro, com a criação, no Centro-Oeste e Norte do País de uma atmosfera irrespirável e impraticável para a navegação aérea, faz-se um alarido terrível em toda a imprensa nacional.

Com o advento da estação chuvosa, entretanto, tudo cai no esquecimento e fica em **statu-quo**, à espera da nova estação seca para a derrubada e a queimada de mais alguns milhões e milhões de hectares de matas naturais.

É uma monótona repetição dos fatos, anos após anos. E os Governos budicamente de braços cruzados, enquanto o deserto avança pelo Brasil adentro ...

Quando muito anuncia-se a criação de mais uma inócua Repartição, com meia dúzia de “técnicos” e burocratas para “tratar” do assunto, armada de um caminhão e dois jeeps...

A impressão que se tem é a de que os responsáveis pelo futuro da Pátria não se sensibilizaram ainda com o problema. Um problema que exige posições definidas, ações urgentes e enérgicas, leis penais das mais severas e a mobilização de um verdadeiro exército de fiscais equipados com aviões e helicópteros para se chegar instantaneamente aos donos das matas derrubadas e incendiadas, responsabilizando-os e prendendo-os por esse crime de lesa-humanidade. Assim é que se faz nos países civilizados.

Entretanto as soluções não passam de turísticos “simpósios” e relatórios sobre o assunto...

A incapacidade que temos demonstrado em resolver o problema é que está inquietando outros povos. Se o próprio Brasil não se preocupa com ele, o mundo está sumamente preocupado, pois o assunto diz respeito à sobrevivência da humanidade.

Esse incrível paradoxo é que tem criado oportunidade para o aparecimento de idéias absurdas como essa da “internacionalização” da Amazônia.

Devemos, entretanto, estar atentos com o que deve estar por trás dessa “generosa” oferta.

Que a humanidade toda está preocupada com a devastação

da Amazônia e com a inatividade brasileira, ninguém duvida. Mas que existem ocultas sob essa “benemérita” proposta de preservação ecológica daquela imensa região outras intenções, é claro que existem.

\*\*\*\*\*

Os estrangeiros sabem, bem mais do que nós, brasileiros, onde se encontram as grandes reservas minerais do Brasil.

Recordo-me de que quando foi instalada, no Estado, a Cia Matogrossense de Mineração — a METAMAT —, organizada sob a forma de sociedade de economia mista, deveria ela pertencer ao Governo do Estado, como acionista majoritário, e a um poderoso grupo japonês. Todavia com o inesperado falecimento de um de seus maiores financiadores, retiraram-se da sociedade os orientais, tornando-se a Companhia apenas uma entidade do Governo estadual.

Nela servi, à época em que ainda se encontravam os japoneses, como Diretor Administrativo da Metamat. Como Diretor Técnico funcionava um geólogo japonês, sr. Anzaki, dotado de vasta experiência e amplos conhecimentos sobre a matéria, tendo já trabalhado na China, na Rússia, no Japão, na Austrália e nos Estados Unidos, onde lhe foi dada oportunidade de acesso a levantamentos aéreos procedidos em muitos países do mundo, especialmente o nosso.

Certo dia conversávamos, na sede da Companhia, com um mapa do Brasil estendido sobre a mesa, quando o geólogo Anzaki, descrevendo com o dedo indicador uma grande elipse que abrangia o norte de Mato Grosso e de Goiás, a metade sul do Maranhão, do Pará e do Amazonas e o antigo Território de Rondônia, disse: — “Aqui está o cofre das riquezas minerais do Brasil”.

Indagado por mim por que fazia essa afirmativa com tanta convicção, respondeu secamente como é do hábito da sua raça:

— “Projeto Radam”.

Lembrei-me, então, de que realmente, anos atrás, fora feito um levantamento, por aviões estrangeiros, de minuciosa pesquisa no norte do País, sob aquele título.

A época de nossa conversa ninguém havia ainda ouvido falar nas reservas de ferro de Carajás, no ouro de Serra Pelada, nos garimpos de Alta Floresta, nem na cassiterita do norte mato-grossense.

Não estaria nisso aí o interesse oculto da “internacionalização” da Amazônia?